A NECESSIDADE DE REDIMENSIONAR PARADIGMAS NO ENSINO DA REDAÇÃO JORNALÍSTICA

Cássia Lobão Assis

Profª do Depto. de Comunicação Social - Universidade Estadual da Paraíba

RESUMO: O artigo argumenta em favor de um ensino de redação jornalística que privilegie a interdisciplinaridade. Apropriando-se de conceitos da linguística e da Análise do Discurso, por exemplo, é possível compreender a notícia numa perspectiva intra e extraverbal, para além de noções tradicionais como lead, sub-lead e pirâmide invertida. É, mais que isso, uma alternativa de perceber no constructo noticioso um fazer em que subjaz uma argumentatividade latente, um modo de demonstrar como se operacionaliza, na estrutura da matéria, a parcialidade discursiva imanente a todo fazer jornalístico.

Palavras-Chave: ensino de jornalismo; paradigmas de texto; argumentatividade.

"O senhor... mire e veja que o mais importante e bonito do mundo é isto, que as pessoas não estão sempre iguais, não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam - verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso me alegra, montão." (Guimarães Rosa)

Em seu livro "O texto da reportagem impressa", Oswaldo Coimbra ressalta, aprioristicamente, que o texto possui duas faces: uma relacionada ao contexto extraverbal e outra que diz respeito ao contexto intraverbal . Porém, tanto Coimbra como outros pesquisadores da comunicação midiática perceberam que, até meados dos anos 90, os estudos que tiveram como objeto o texto jornalístico, privilegiaram o contexto extraverbal.

À guisa de exemplo, destacamos aqui as palavras de Van Dijk: "Comum a maior parte dos estudos da notícia é a perspectiva sociológica - extraverbal. Pode tratar-se de uma perspectiva macrossociológica, interessada no contexto institucional, profissional e cultural da produção de notícias, ou de uma análise microssociológica dos hábitos jornalísticos, tomando como dados as regras práticas e os valores ou ideologias da notícia que governam as atividades diárias de jornalistas na coleta e redação da notícia"; também as palavras de Genro Filho são sintomáticas

nesse particular: "em geral, as teorizações acadêmicas (acerca da redação jornalística) oscilam entre a obviedade dos manuais, que tratam apenas operativamente das técnicas, e as críticas puramente ideológicas do jornalismo como instrumento de dominação ".

Tais constatações per si já justificam a necessidade de redimensionarmos o estudo (e o ensino) da redação jornalística. Sem pleitear a investida na perspectiva meramente intraverbal, para compensar a tendência das décadas anteriores, o interessante a partir de agora é justamente observar a possibilidade de conjugação dessas duas faces, uma vez que é possível ver o texto "não apenas como unidade formal, mas pragmática, ou seja, aquela em cujo processo de significação também entram os elementos do contexto situacional ".

Além disso, apontar a importância do aparato verbal na formação do jornalista do novo milênio é fazer valer o axioma de que todas as investidas tecnológicas conquistadas em nosso tempo ganham sentido e cumprem suas finalidades quando disponibilizadas na consolidação do homem enquanto sujeito detentor da capacidade de comunicação. E que recurso melhor que a palavra, seja falada ou escrita, estando nesta ou naquela mídia, para validar essa nossa conquista em toda sua plenitude?

A valorização daquilo que convencionou-se chamar interdisciplinaridade é um dos mecanismos para viabilizar a formação do jornalista , no tocante à produção de textos , sem o ranço, ora tecnicista, fincado nas prescrições dos manuais de redação, ora marcado por um excesso de teorização que não garante uma performance viável no mercado de trabalho. Dicotomia que produziu absurdos como a separação abissal entre os chamados "jornalistas de batente" e os "pensadores do fenômeno midiático", como se as duas coisas fossem inexoravelmente excludentes.

É justamente essa tendência neopositivista de conjugar saberes que nos permite apresentar aqui uma reavaliação da narrativa jornalística essencial: a notícia. Apropriamo-nos assim de noções teóricas desenvolvidas no âmbito da Lingüística, da Análise do Discurso, da Semiologia para demonstrar, por exemplo, que, para além da noção simplista de instaurar a informatividade mediante o uso do clássico lide e sub-lide, o jornalista contemporâneo deve reconhecer que a manipulação de todo um arcabouço textual e para-textual obriga-nos a uma práxis discursiva pouco afeita a mera descrição de fórmulas reducionistas de construção de sentido .

Para demonstrar essa possibilidade de inscrever novos paradigmas na formação do jornalista, no tocante à produção de textos, comecemos então pela titulação, pois há usos não prescritos em manuais, porém facilmente localizáveis nas matérias, que justificam reflexões como a que propomos aqui.

1. "Skewed headlining" e título-resumo: as duas possibilidades de enunciação preliminar do fato Deputados, vereadores, entidades de defesa dos direitos humanos, das liberdades, da democracia, das minorias, e contra um grupo radical que espalha terror e preconceitos contra negros, judeusylebooks não garante uma efetiva competência comunicativa por parte dos novos jornalistas. Aliás, mais uma vez, Zanotti partilha a nossa inquietação de constatar a necessidade de novas palavras em torno dessa questão e outras afins. Por outros termos, devemos admitir essa finalidade axiomática do título noticioso, porém não é rara a desinformação quanto aos mecanismos de elaboração de títulos que possam garantir essa informatividade preliminar.

Em primeiro lugar é preciso salientar que não existe uma forma única a regulamentar esse objetivo de resumir uma notícia. A priori, podemos citar o ensaio de Roncolatto , que amplia essa noção esboçando uma tipologia , tendo como critério a relação entre título e matéria propriamente dita:

1) Relação em que o título é um resumo do texto;
2) relação em que o título é a idéia central do texto;
3) relação em que o título é incompreensível se não entrarmos em contato com o texto;
4) relação em que o título satiriza o conteúdo do texto.

Um outro ensaio trata dessa questão dos títulos tomando como objeto específico as revistas ISTOÉ e VEJA. Martins & Correa apontam uma modalização singular desse recurso, fato que motiva as autoras à reflexão em torno das implicações desse uso na instância da recepção. Para elas,

"(Em VEJA e ISTOÉ) os títulos de artigos introduzem o leitor no assunto abordado: a escolha do título tem como meta atualizar aquela parte do conhecimento do leitor que está diretamente ligada ao tema do texto e propor uma espécie de enigma a ser decifrado - o que só a leitura do artigo poderá proporcionar".

Uma das conclusões que podemos obter desses dois estudos é que o modo de chamar a atenção do leitor através do título varia em função do tipo de texto e do meio em que ele é publicado, fatores aparentemente óbvios, mas que não devem ser esquecidos no processo de formação dos novos jornalistas.

Estudos mais analíticos prosseguem chamando nossa atenção para essa necessidade de reflexões mais exaustivas em torna do item titulação. Van Dijk salienta que, a fórmula título-oração em ordem direta, sem artigo no início e pontuação no final, é apenas uma dentre outras possibilidades de enunciar o fato jornalístico. Uma outra é o uso do que o autor designa por skewed headlining, recurso que consiste em se considerar uma proposição de nível mais baixo na macroestrutura semântica do texto e promovê-la a tópico significativo, a ponto de destacá-la no título . Ao estudar a incidência de skewed headlining ou "títulos enviesados" na imprensa diária brasileira, Terzi constata, a partir de uma amostra de 144 textos, o uso desse recurso em pelo menos vinte por cento deles .

Em face disso, reiteramos a necessidade de mais atenção a esse item , pois,

"Ao tentar reproduzir em sala de aula o ambiente de uma redação , o docente solicita ao aluno que elabore o texto e deixe para um hipotético editor a tarefa de redigir o título. Como a figura do editor não existe em sala de aula, o texto é elaborado meio que atropeladamente, sem que o aluno seja sequer levado a pensar em que título teria sua matéria antes de redigi-la propriamente/.../ (entretanto) o título é um problema de comunicação que precisa ser resolvido no campo da comunicação(...)"

Assim, redimensionando essa práxis, podemos:

1º) demonstrar as duas possibilidades de titulação. Exemplos:

(1) FUNDEF INJETA DINHEIRO NAS ESCOLAS DO INTERIOR NORDESTINO (Folha de São Paulo, l4/09/1999 - primeira página)

(2) AO MESTRE, COM CARINHO (ISTOÉ, 06/10/99, p. 68)

2º) discutir as motivações de cada meio para tais escolhas:

Enquanto o título do jornal preferiu a informatividade objetiva, tendo em vista seu caráter sintético-imediatista, o de revista fez uso do que Véron designa por sintagma cristalizado da fala socializada (a expressão "ao mestre, com carinho" evoca um filme homônimo bastante conhecido do povo brasileiro. A escolha desse título enviesado deve-se ao caráter mais analítico

da informação na revista, que parte do pressuposto de que há o conhecimento do assunto através da mídia diária.

3º) oferecer condições de produção de títulos junto aos textos nas salas de aula:

Somente a prática efetiva de construção de textos como um todo, sem a pressuposição de uma editoração a posteriori poderá engendrar uma formação qualitativa. Situações como a descrita por Zanotti no excerto à página anterior não garantem a competência comunicativa do profissional de jornalismo.

4º) Finalmente, discutir a argumentatividade subjacente ao uso desse recurso pela mídia:

As críticas à objetividade da mídia e seu ideário de imparcialidade e neutralidade estão bastante presentes nos estudos voltados à face extratextual da produção jornalística. Aplicadas às tendências contemporâneas do fazer jornalístico, tais críticas podem ficar mais evidentes àqueles que constróem e construirão no futuro o discurso midiático, pois, conforme Orlandi, "as construções discursivas têm sempre uma razão que não diz respeito apenas a 'informação', mas principalmente a seus 'efeitos de sentido'". Por outras palavras, como limitar a análise da metáfora abaixo, título na Folha de São Paulo em 30/03/2000, dizendo dela que é apenas a síntese de um acontecimento?

MALUF DESABA; ERUNDINA DISPARA

Na seqüência, sugerimos avaliações/reflexões em torno da formação do jornalista relacionadas a instauração da factualidade, pois é consenso compreender nesse particular a força motriz da informatividade tão cara a propalada Era da informação objetiva.

2. A instauração da factualidade

A informatividade é um dos requisitos mais importantes às notícias e reportagens. Considerando que o termo designa "em que medida os materiais lingüísticos apresentados no texto são esperados/não esperados, conhecidos/desconhecidos da parte dos receptores" , assistir aos telejornais ou ler os jornais e revistas são atitudes que possibilitam a percepção de que a maioria das matérias está em consonância com o que pode ser legitimado como fato jornalístico .

Entretanto, a própria maneira de engendrar essa informatividade na mídia impõe extrapolarmos o manuseio da fórmula 3Q+O+C+PQ, usada para definir o emblemático lide, já

que é cada vez mais recorrente o uso de paradigmas diversificados na enunciação do acontecimento. Boas, por exemplo, afirma que, nas revistas

"A abertura pode ser descritiva ou começar por uma declaração-citação; pode realçar a imaginação do leitor ou contar uma história pessoal; ou ainda, se for o caso, abrir com frases-feitas, clichês, fazer trocadilhos, paradoxos, anedotas etc "

Nos telejornais também é flagrante o desafio aos ditames da pirâmide invertida, o que, entretanto, não configura um simples resgate do clássico nariz de cera. Aliás, para além da invenção de novos rótulos para designar essa tendência é oportuno fazer ver que a enunciação enviesada não fica circunscrita aos títulos, mas aparece também ao longo do texto. Assim, o discurso do acontecimento pode vir ancorado, por exemplo, numa metonímia:

"Houve tempo em que Tio Sam se livrava de dirigentes incômodos em seu quintal mandando os marines invadir a república das bananas em questão ou ajudando líderes locais a fazer o trabalho sujo. Às vezes bastava cortar o fluxo de verdinhas ao país rebelde. Com o fim da guerra fria os métodos de pressão parecem ter se tornado mais sutis. Na quinta-feira dia 09, numa decisão inédita, a Casa Branca anunciou o cancelamento do visto de entrada no país do presidente da Colômbia, Ernesto Samper Pizano (grifos CLA). O mandatário é acusado de ter recebido dinheiro dos narcotraficantes do cartel de Cali durante a campanha eleitoral de 1994. " (ISTOÉ, l6/01/97).

Nesse exemplo, ISTOÉ informa o fato utilizando-se da alusão a alguns ícones, em tese já repertoriados pelo público receptor. Tio Sam = Estados Unidos; república das bananas = Terceiro mundo; verdinhas = dólares etc., e, na parte grifada, aparecem os elementos da narrativa que caracterizam o texto enquanto comunicação jornalística. Redimensionar o paradigma jornalístico nesse particular é compreender essa bipolaridade enunciativa (lide + metonímia) desconsiderando uma escala de valores, do mais importante para o menos importante, conforme fazem crer as prescrições tecnicistas dos manuais.

Exemplos como esse da revista ISTOÉ podem atestar que não devemos hierarquizar os dados privilegiando aqueles que configuram os elementos da narrativa, uma vez que enunciar o fato num constructo permeado por recursos como a descrição e a ironia é uma forma bem contemporânea de inscrever a execrada - porém essencial - subjetividade. O critério da

proeminência, isto é, fatos relacionados com pessoas com graus de importância dentro da estrutura soc poucas palavras, o ensino da redação no tocante a composição do lide deve extrapolar o mero treinamento mecanicista, ressaltado por Genro Filho no excerto colocado no início desse trabalho. O importante é que passemos a considerar, paralelamente à prática, as reflexões científicas, que apontam o discurso jornalístico mais como construção do que realidade , sendo a objetividade apenas um mito legitimado pelos manuais, que não raro vêem justificativa para pleiteá-la apenas mediante recursos pontuais como a adjetivação ...

Muitos outros pontos podem (e devem) ser evidenciados nesse redimensionamento, e isso é possível mediante diversificadas estratégias reconhecidamente importantes que, em vista das limitações do presente trabalho, não podemos mencionar exaustivamente. Assim, num nível mais pontual da apreciação da narrativa jornalística vamos considerar, no item a seguir, a questão da citação de falas nas notícias.

3. Das vozes enunciadas: considerações sobre o uso do verbo dicendi na imprensa contemporânea

Dentre as estratégias cognitivas de construção do texto jornalístico, Van Dijk destaca a "utilización y citación de las fuentes" como das mais significativas a sua composição discursivo-argumentativa. Com efeito, a imprensa ordinariamente tem fincado seu ideário de veracidade, plausibilidade, correção, precisão e criedibilidade mediante a recorrência sistemática das falas dos envolvidos no acontecimento noticiado.

A mídia brasileira em geral segue as prerrogativas da citação em discurso direto ou indireto, os Manuais alimentam a tese de que as falas são utilizadas em consonância absoluta junto às fontes, e por isso mesmo nos cursos de comunicação ainda se fazem necessárias maiores investidas para uma compreensão mais analítica e menos prescritiva desse recurso . Isso porque aos futuros jornalistas costuma-se dizer, sem maiores explicações, que em telejornalismo por exemplo, a narrativa deve sempre que possível se fazer acompanhar das falas dos entrevistados. O discurso indireto é utilizado apenas quando alguém se recusa a gravar entrevista, e tal recusa é sempre mencionada pelos repórteres, de modo a justificar a apropriação parafraseada do dizer de outrem. Ainda há quem discuta a imparcialidade tendo por base um critério meramente quantitativo: o tempo de cada fala deve ser igual para todas as partes envolvidas numa questão. Preocupação aliás tão simplista quanto acreditar que apenas ausência de adjetivação é garantia de objetividade, ainda resquícios da tentativa de extremar a otimização da comunicação humana ...

Todavia, seja qual for a mídia, há que se considerar o estatuto de veridicção atribuído a informação a partir da evocação das vozes das fontes informativas. Tais vozes são costumeiramente mediadas pelo chamado verbo dicendi, porque "atualmente, além de mostrar que a neutralidade é impossível, o importante é estudar como a parcialidade se dá na introdução do discurso alheio, seja como interpretação, seleção ou avaliação"

Exemplos da mídia impressa podem atestar a importância desse elemento, e o quanto pontuar o assunto em notações prescritivas pode comprometer a compreensão da dimensão discursiva desse recurso:

(1) " 'No Brasil, essa área se parece com o velho oeste. É uma terra sem lei ', lamenta Paulo César Serafini, 43, ginecologista brasileiro que trabalha na Califórnia, onde as clínicas são vigiadas por entidades científicas, consumidores e pelo governo" (Jornal do Brasil, 11/08/96, em matéria que aponta os prós e contras da legalização do aborto no Brasil);

(2) " ' Continuo na área de educação, só que agora estou ganhando dinheiro. Posso voltar a sonhar com o futuro', comemora Marcelo Ferreira, professor de Educação Física" (Folha de São Paulo, 06/10/96 - matéria em que é flagrante a apologia às franquias, apresentadas como saída para quem foge do desemprego e quer montar o próprio negócio);

(3) " 'O Senado deve uma explicação à sociedade', cobra o deputado federal Augusto Carvalho". (Istoé , 10/04/96, em matéria que critica a renovação da frota de carros oficiais no Senado federal).

Nesses exemplos, podemos observar uma argumentatividade latente, em que pese toda o cuidado na reprodução literal das falas (uso de primeira pessoa, aspas, identificação criteriosa do falante etc.). A subjetividade jornalística nesses casos é observável não apenas na seleção do trecho publicado, mas também mediante o arcabouço enunciativo que possibilita a inserção desse discurso na(s) matéria(s), incluindo-se aí o verbo de elocução (ou dicendi). Note-se algo mais que uma informação neutra, enunciada por verbos do tipo dizer e afirmar. Não há gratuidade na seleção desse elemento, pois que não configura a simples constatação de um falar. Mediante a escolha estratégica de verbos tipo lamentar, comemorar e cobrar o jornalista impõe um comprometimento maior do entrevistado ante aquilo que diz, e, por extensão, pretende uma persuasão mais eficaz junto ao receptor.

Assim, ao jornalista contemporâneo deve interessar o questionamento, por exemplo, do discurso direto enquanto materialização de uma realidade discursiva. Qualquer avaliação mais

criteriosa será útil para demonstrar nesse recurso mais um engendramento artificioso do que se quer como "realidade". Apenas para justificar a necessidade de vermos o assunto nessa (nova) perspectiva, recorremos as palavras de Maingueneau, para quem

"Estudando como são feitas as citações, como elas inscrevem-se no detalhe da estrutura lingüística, não é possível negligenciar os verbos destinados a introduzir o discurso relatado. De fato, em função do verbo escolhido (sugerir, afirmar, pretender...) toda a interpretação da citação será afetada" .

Nessa necessária desmistificação da objetividade, por intermédio dos elementos estruturais do texto jornalístico, são significativas também as palavras de Authier-Revuz:

"O Discurso direto não é nem 'objetivo' nem 'fiel'; mesmo quando cita textualmente, ele não pode ser considerado como 'objetivo', na medida em que reproduzir a materialidade exata de um enunciado não significa restituir o ato de enunciação - do qual o enunciado é apenas o 'núcleo' -na sua 'integralidade'" .

Pela própria natureza do presente trabalho, é claro que não tivemos a pretensão de exaurir todos os argumentos na defesa de um novo paradigma na formação do comunicador, no tocante particularmente a construção discursivo-textual da notícia. O que aqui se apresenta é apenas uma explanação panorâmica, um mero convite a futuras reflexões mais aprofundadas em torno das necessidades e possibilidades de reavaliação da tarefa principal de qualquer jornalista - fazer textos.

Que dessa incursão interdisciplinar visando entender o fazer jornalístico enquanto conjugação de elementos intra e extratextuais sobressaia a (boa) intenção em apontar como imprescindível ao jornalista do presente e do futuro uma compreensão de sua atividade que extrapole a reprodução mecanicista dos modelos já instituídos, sem que essa reflexão fique cirscunscrita a um grupo pensante isolado. Afinal, à Nova Era é imprescindível essa crença num dialogismo crescente, dinâmico e perene em todas as instâncias da ação humana.

NOTAS

COIMBRA,O. O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura. São Paulo: Ática 1993. l83p.

VAN DIJK,T.A. "Estruturas da notícia na imprensa". IN: _____. Cogniçã discurso e interação. São Paulo: Contexto, 1992. p. 122-157.

GENRO FILHO,A. O segredo da pirâmide: por uma teoria marxista do jornalismo. Port Alegre: Ortiz, 1989. p. 13.

ORLANDI,E.P. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. 2.ed. Campinas Pontes, 1987. p. 116.

Exemplo de uma reflexão bem pontual acerca da instauração da factualidade no jornalism hodierno é o artigo "O paradoxo do lide: sedução e afastamento". In: ZANOTTI,C.A. Revista de estudos do curso de jornalismo. vol.1, n.1, Campinas: PUC-Campinas, outubro l998. p. 15.

Cf. ZANOTTI, C.A. Títulos no jornalismo diário, ou a difícil arte de dizer apenas o essencial IN: Revista de estudos do curso de jornalismo. vol. 1, n. 2. PUC-Campinas: junho de l999, p. 45.

Ref. RONCOLATTO,E. "Relações entre o título e a matéria do texto no jornal Folha de Sã Paulo". IN: Cadernos de estudos lingüísticos. n. 30. Campinas: UNICAMP, 1996, p. 402-9.

MARTINS,C.F.M. & CORREA,A.M.S. "Intertextualidade e interdiscursividade em títulos ilustrações das colunas sobre artes e espetáculos". IN: Anais do II Encontro franco-brasileiro de Análise do Discurso. Rio de Janeiro: CIAD/UFRJ, 1996. p. 108.

VAN DIJK,T.A. La noticia como discurso: compreensión

"distingue-se do número indeterminado dos acontecimentos possíveis em função de uma classificação ou de uma ordem ditada pela lei das probabilidades sendo inversamente proporcional à probabilidade de ocorrência" . RODRIGUES, A.D. Estratégias da comunicação: questão comunicacional e formas de sociabilidade. Lisboa: Presença. p. 99.

BOAS,S.V. O estilo magazine: o texto em revista. São Paulo: Summus, 1996. p. 45

LAGE,N. Ideologia e técnica da notícia. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 25

À guisa de exemplo, Lage afirma: "O texto relativo a uma realidade é diferente da realidad mesma, abrindo-se campos definidos ao arbítrio do falante" (LAGE, op. cit. p. 52) ; por sua vez Barros Filho acredita que "o lide faz crer que a matéria será uma descrição pura e simples de uma realidade essencialmente intangível..." (BARROS Fº,C. "Crítica à objetividade da mídia". IN: Pauta geral. n.2. Salvador: Logos, 1994. p 07.

Sobre essa questão em particular cf. GONÇALVES, E.M. A dialética do discurso jornalístico dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, UFRJ, 1992. p. 74.

VAN DIJK,T.A. "Las microestructuras del discurso periodistico". IN: _____. L noticia como discurso: comprensión, estructura y producción de la información. Barcelona: Paidós, 1990. p. 92-138.

Nesse sentido, cf. GONÇALVES, E. M. A dialética do discurso jornalístico. op. cit. p. 74

MARCUSHI,L.A. A ação dos verbos introdutores de opinião. IN: Revista da INTERCOM n.64. São Paulo: Intercom,1991. p 75.